

A COMUNICAÇÃO DA FÉ EM 2 TIMÓTEO 1: UMA ANÁLISE DO PAPEL DA FAMÍLIA E DA IGREJA NA TRANSMISSÃO DA IDENTIDADE RELIGIOSA

Dario Leandro Costa¹

Resumo: Este artigo analisa o texto de 2 Timóteo 1 com foco na transmissão da fé entre gerações, destacando o papel da família e da igreja na formação da identidade religiosa. Desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, o estudo evidencia que a fé de Timóteo foi profundamente influenciada por sua avó Loide, por sua mãe Eunice e, posteriormente, pela igreja, especialmente por meio do discipulado do apóstolo Paulo, o que demonstra um processo complementar e integrado de educação espiritual. A pesquisa também aborda desafios contemporâneos à transmissão da fé e defende que a família constitui o espaço primário de discipulado, enquanto a igreja atua como suporte essencial e comunidade de pertencimento, devendo ambas trabalhar em cooperação e levando em conta seus respectivos papéis e responsabilidades.

Palavras-chave: transmissão da fé; família; igreja; discipulado; identidade religiosa.

THE COMMUNICATION OF FAITH IN 2 TIMOTHY 1: AN ANALYSIS OF THE ROLE OF FAMILY AND CHURCH IN THE TRANSMISSION OF RELIGIOUS IDENTITY

Abstract: This article analyzes the text of 2 Timothy 1 with a focus on the transmission of faith between generations, highlighting the role of the family and of the church in the formation of religious identity. Based on bibliographical research, the study demonstrates that Timothy's faith was deeply influenced by his grandmother Lois, his mother Eunice

¹ Doutorando em Teologia Aplicada pela Universidad Peruana Unión (UPeU), Lima-Peru; Mestre em Teologia pela Faculdade Sul-Americana de Teologia (FTSA), Londrina-PR; Mestre (*intracorpus*) e Bacharel em Teologia pelo Seminário Adventista Latino-americano de Teologia (UNASP-EC); licenciado em Filosofia pela Universidade de Franca (UNIFRAN); licenciado em Pedagogia pela Universidade Anhanguera – UNIDERP. Atualmente é pastor distrital na Associação Norte Paranaense da Igreja Adventista do Sétimo Dia. E-mail: leandro.sabado@gmail.com



and, later, by the church, especially through the discipleship of the apostle Paul, revealing a complementary and integrated process of spiritual education. The research also addresses contemporary challenges to the transmission of faith and argues that the family constitutes the primary setting for discipleship, while the church serves as essential support and as a community of belonging, both being expected to work cooperatively while respecting their distinct roles and responsibilities.

Keywords: transmission of faith; family; church; discipleship; religious identity.

LA COMUNICACIÓN DE LA FE EN 2 TIMOTEO 1: UN ANÁLISIS DEL PAPEL DE LA FAMILIA Y DE LA IGLESIA EN LA TRANSMISIÓN DE LA IDENTIDAD RELIGIOSA

Resumen: Este artículo analiza el texto de 2 Timoteo 1 con énfasis en la transmisión de la fe entre generaciones, destacando el papel de la familia y de la iglesia en la formación de la identidad religiosa. Desarrollado mediante investigación bibliográfica, el estudio evidencia que la fe de Timoteo fue profundamente influenciada por su abuela Loida, por su madre Eunice y, posteriormente, por la iglesia, especialmente a través del discipulado del apóstol Pablo, lo que demuestra un proceso complementario e integrado de educación espiritual. La investigación también aborda desafíos contemporáneos para la transmisión de la fe y sostiene que la familia constituye el espacio primario de discipulado, mientras que la iglesia actúa como apoyo esencial y comunidad de pertenencia, debiendo ambas trabajar en cooperación y teniendo en cuenta sus respectivos papeles y responsabilidades.

Palabras clave: transmisión de la fe; familia; iglesia; discipulado; identidad religiosa.

Submetido em: 12/05/2026

Aprovado em: 03/08/2026

DOI: <https://doi.org/10.19141/1809-2454.kerygma.v21.n1.pe2157>



INTRODUÇÃO

A transmissão da fé entre gerações constitui um dos temas mais relevantes para o estudo e a reflexão pastoral contemporânea. Em um contexto marcado pelo secularismo, pela fragmentação das relações familiares e pela crescente relativização dos valores religiosos, torna-se cada vez mais necessário compreender de que maneira a identidade cristã pode ser preservada e comunicada às novas gerações. Nesse cenário, a Segunda Epístola a Timóteo apresenta importante contribuição ao retratar a continuidade da fé por meio da influência da família e da comunidade religiosa. Em especial, 2 Timóteo 1 evidencia a relevância da herança espiritual recebida por Timóteo por intermédio de sua avó Loide e de sua mãe Eunice, posteriormente fortalecida pela atuação pastoral e discipuladora da igreja e do apóstolo Paulo.

A carta foi escrita em um contexto de perseguição, sofrimento e iminência da morte de Paulo, o qual demonstra preocupação não apenas com a preservação doutrinária do evangelho, mas também com sua transmissão fiel às gerações futuras. O texto revela que a permanência da fé cristã depende, em grande medida, de relações intencionais de discipulado, testemunho e formação espiritual, além de estruturas adequadas.

Partindo dessa perspectiva, o presente artigo busca analisar o papel da família e da igreja na transmissão de uma identidade religiosa a partir de 2 Timóteo 1. O estudo argumenta que a família representa o ambiente principal para o discipulado, ao passo que a igreja oferece suporte fundamental e espaço de pertencimento, devendo ambas atuar em colaboração, respeitando suas respectivas funções e deveres.

O artigo configura-se como uma reflexão teológica aplicada, de caráter qualitativo, cujo objetivo não é realizar uma análise sociológica, mas interpretar o texto bíblico à luz de um caminho metodológico baseado no método histórico-gramatical, atento aos elementos estruturais, linguísticos e contextuais do texto e a seu sentido original. A partir disso, seus princípios são colocados em diálogo com a realidade e as demandas contemporâneas da vida cristã, permitindo estabelecer pontes entre a mensagem bíblica e os desafios atuais. A obra de Ellen G. White é utilizada neste estudo acadêmico como fonte teórica, refletindo uma perspectiva da escola interpretativa adventista do sétimo dia.

Inicialmente, será apresentada uma breve análise estrutural e contextual do capítulo. Em seguida, serão examinados aspectos relacionados à formação espiritual de



A comunicação da fé em 2 Timóteo 1: uma análise do papel da família e da igreja na transmissão da identidade religiosa

Timóteo, destacando a influência familiar e a da igreja em seu desenvolvimento cristão. Por fim, será discutida a necessidade de integração entre as duas estruturas na preservação e na transmissão de uma identidade religiosa.

ESTRUTURA E BREVE ANÁLISE DE 2 TIMÓTEO 1

A estrutura literária do capítulo é claramente marcada e pode ser descrita da seguinte forma: saudação (v. 1-2); ação de graças (v. 3-5); orientação central (v. 6-14); e exemplos negativos e positivos (v. 15-18). Ela demonstra um movimento que vai de uma fé transmitida/recebida (v. 1-5) para uma fé praticada (v. 6-14) e, finalmente, para uma fé testada (v. 15-18). Para Kostenberger (2010, p. 14-15), há um apelo ao compromisso pessoal de Timóteo, em que Paulo o exorta à coragem diante de circunstâncias adversas. Segundo Mounce (2000, p. 500), os versos estão unidos pelo tema do encorajamento: Timóteo deve dedicar-se inteiramente à sua tarefa diante do sofrimento, encorajado pelo exemplo de Paulo e pela fidelidade de Deus.

Quanto ao tema da transmissão da fé (avó Loide; mãe Eunice; filho Timóteo; mentor Paulo), é interessante o fato de que ele não está inserido na seção de orientações, mas na de ação de graças, o que indica ser ele a base para a execução das recomendações paulinas dadas em seguida.

A identificação do gênero literário epistolar pastoral contribui para a interpretação da carta e para a compreensão de seu propósito (Padilla, 2022, p. 16), pois as Cartas Pastorais retratam uma transição da imagem do “Paulo Mártir”, constante nas “cartas da prisão”, para a do “Paulo Mestre”, alguém dedicado a transmitir uma tradição a Timóteo e a Tito, confiante de que eles preservarão seu legado (Soares, 2017, p. 91-92).

Diferentemente de 1 Timóteo e de Tito, a carta oferece poucas instruções eclesiais formais, concentrando-se principalmente em orientações pessoais e no encorajamento a Timóteo (Guthrie, 1990, p. 32). Dessa forma, de modo amplo, ela constitui um documento de sucessão, no qual Paulo busca garantir a preservação e a transmissão da fé evangélica por meio de Timóteo.

Quanto ao contexto histórico, a segunda carta a Timóteo é a última correspondência de Paulo² e foi escrita da prisão, enquanto ele aguardava sua execução.

² Existe um debate acadêmico robusto sobre a autoria paulina das Cartas Pastorais, que permaneceu praticamente incontestada até o século XIX, quando estudiosos começaram a defender que elas representam “escrita pseudônima, na qual um seguidor posterior atribui sua própria obra ao seu



A datação mais provável é o outono de 66 d.C. (Nichol, 1980, v. 7, p. 107). Nessa época, os cristãos enfrentavam a perseguição desencadeada por Nero após o incêndio de Roma (64 d.C.). Nela, o apóstolo oferece a Timóteo diversas orientações, além de deixar informações importantes relacionadas à transmissão da fé entre gerações (Fortin, 2022, p. 1799).

Algumas expressões-chave aparecem no texto. Paulo diz a Timóteo: “não se envergonhe” de Jesus, pois ele próprio também “não me envergonho” (v. 8, 11). Quanto ao evangelho, trata-se de mensagem de vida eterna; por isso, Timóteo deve sofrer por ele e pregá-lo (v. 8, 10, 11). Todavia, para essa transmissão das boas-novas de Cristo a outros, é fundamental que Timóteo “guarde o bom tesouro que lhe foi confiado” (v. 14). Uma fé que não é cuidadosamente guardada será transmitida de forma distorcida.

TIMÓTEO: AQUELE QUE HONRA A DEUS

Timóteo (*Timótheos*), natural de Listra, era “um cristão de terceira geração”, e seu nome resulta da combinação das palavras gregas *timé* (honra, reverência) e *theós* (Deus), significando “aquele que honra a Deus” (Kvidahl, 2020), o que reflete sua herança religiosa, a fé “que, primeiramente, habitou em sua avó Loide e em sua mãe Eunice” (2Tm 1:5). Isso, somado ao fato de ter um pai não judeu, ajuda a entender por que ele não havia sido circuncidado (At 16:3). Paulo expressa de modo consistente o seu apreço por Timóteo, a quem denomina “filho na fé” (1Co 4:17; 1Tm 1:2), evidenciando não apenas proximidade afetiva, mas também reconhecimento de seu caráter, uma vez que, segundo o apóstolo, ele “serviu ao evangelho” ao seu lado “como um filho trabalha com seu pai” (Fp 2:22).

Conforme Wilckens (2013, p. 635), *hypokrités* designa aquele que representa um papel, isto é, o ator. Ao afirmar que a fé de Timóteo era “sem fingimento”, Paulo emprega o termo *anypókritos* [não hipócrita]. Trata-se, portanto, de uma fé “sincera”, “genuína”: Timóteo “não fazia o papel de um ‘ator’, que é a ideia da palavra aqui empregada”, e sua fé “não tinha qualquer mácula de hipocrisia — era pura, clara, genuína” (Champlin, 2014, p. 470).

reverenciado mestre, a fim de perpetuar os ensinamentos e a influência dessa pessoa” (Kostenberger, 2003, p. 3). Abordagens histórico-críticas frequentemente questionam a autoria do apóstolo com base em diferenças de estilo e vocabulário. Por outro lado, correntes da teologia evangélica e conservadora, assumida por este artigo, sustentam a autoria paulina, alinhando-se com a tradição cristã primitiva, que considerou essas epístolas como autenticamente paulinas desde o início (Horn, 1979, p. 1123).



A comunicação da fé em 2 Timóteo 1: uma análise do papel da família e da igreja na transmissão da identidade religiosa

Durante a segunda viagem missionária de Paulo, Timóteo foi escolhido para acompanhá-lo, provavelmente devido à sua boa reputação entre os irmãos daquela região (At 16:2-3). Apesar de o texto bíblico não especificar quando Paulo conheceu Timóteo pela primeira vez, acredita-se que Paulo e Barnabé o tenham encontrado durante a primeira viagem missionária àquele território (Gillman, J., 1992). O tempo entre os dois encontros deve ter sido de quase dois anos e, do chamado à primeira carta, cerca de doze anos (Nichol, 1980, v. 6, p. 322-323).

Em um cálculo baseado na cronologia histórica e levando em conta o tamanho da responsabilidade, Hendriksen (2011, p. 198) presume que Timóteo tinha entre 22 e 27 anos quando Paulo o chamou em Listra, durante a segunda viagem missionária. Isso significaria que, no período da carta, ele teria cerca de 34 a 39 anos. Mesmo nessa fase posterior, Timóteo ainda era considerado jovem, porque ocupava a posição de representante apostólico e de líder sobre presbíteros, “geralmente idosos ou, pelo menos, de idade madura”.

White (2021, p. 130-131) também trata do aspecto relacionado à grande responsabilidade ao mencionar que, mesmo diante da necessidade de preparar mais obreiros e de ter reconhecido em Timóteo um excelente candidato, o apóstolo quis certificar-se de seu caráter antes de escolhê-lo: viu que o jovem era “fiel, firme e sincero” e, então, o tomou como companheiro de trabalho e de viagem.

A FAMÍLIA COMO PRIMEIRA ESCOLA DE TRANSMISSÃO DA FÉ

Diversas passagens bíblicas apresentam a transmissão da fé como um mandamento e um papel próprio da família. De acordo com Merkh (2021, p. 60), ela deve buscar perpetuar um legado espiritual: nas Escrituras (Dt 6:4-9; Sl 78:1-8; Ef 6:4; Cl 3:21), os pais têm o dever de ensinar e discipular seus filhos, transmitindo-lhes valores e fé. Essa transmissão “inclui os mandamentos de Deus (Salmos 78:5, 6), assim como o ensino prático (‘na disciplina e na admoestação’), Efésios 6:4” (Merkh, 2021, p. 133).

Com base no Salmo 78:3-8, Merkh (2019, p. 186-187) fala de um “efeito dominó”, em que “os pais serão elos numa corrente que se estende por múltiplas gerações”, de modo que a comunicação da fé não é algo opcional, mas uma obrigação sagrada que decorre da aliança. Para o autor, a principal preocupação de pais cristãos deveria ser a real conversão dos filhos; o que se observa, porém, é uma preocupação maior com a



carreira que eles seguirão. Ele acrescenta que “a prova verdadeira de que a fé vingou são os netos — pois os nossos filhos a transmitiram aos filhos deles (ver Sl 78:3-8)”, atendendo-se assim à exigência do pacto, cujas promessas e provisões se estendiam “além da geração imediata daqueles com quem fora mantido”, incluindo “gerações que ainda não tinham nascido” (Merkh, 2019, p. 122-123; cf. Dt 4:25, 40; 5:9, 10, 29).

Nas Escrituras, o tesouro confiado aos pais não se limita a bens materiais. Os filhos, “herança do Senhor” (Sl 127:3), estão entre os dons mais preciosos de Deus e, por isso, segundo Dederen (2001, p. 669), “são colocados nas mãos dos pais, [...] responsáveis por prepará-los para o serviço nesta vida e no mundo vindouro, quando Deus perguntará: ‘Onde está o rebanho que te foi dado, o teu belo rebanho?’ (Jr 13:20)”.

A Bíblia apresenta diferentes exemplos de transmissão da fé em que os pais exerceram influência espiritual positiva sobre seus filhos. Holford (2023, p. 564) lembra os casos de Noé e seus filhos³, que colaboraram para o novo começo da humanidade; de Abraão e Isaque, o herdeiro da promessa; de Anrão e da corajosa Joquebede, pai e mãe do libertador Moisés; e de Ana e Samuel, seu filho profeta e juiz. No Novo Testamento, há ainda Zacarias e Isabel, pais de João Batista, José e Maria, pais de Jesus, e o exemplo do próprio Timóteo com sua mãe e sua avó, Eunice e Loide.

A FÉ TRANSMITIDA/RECEBIDA

O versículo 5 trata da formação espiritual primária de Timóteo e dá destaque à origem de sua fé, que havia sido transmitida por sua mãe e por sua avó. O texto deixa clara a educação religiosa recebida no lar e parece demonstrar uma progressão intencional no processo de transmissão da fé.

O livro de Atos descreve que Timóteo era “filho de uma judia crente, mas de pai grego” (At 16:1). Sua avó também deve ter sido judia, e a fé de ambas era anterior à dele, pois ela “primeiramente, habitou em sua avó Loide e em sua mãe Eunice” (2Tm 1:5). Provavelmente elas foram convertidas pelo trabalho de Paulo e Barnabé na primeira passagem por Listra, conforme o relato de Atos 14 (Gillman, F., 1992a; 1992b). Quando Paulo recrutou Timóteo, há indicações de que o pai dele já havia falecido, tais como a

³ O exemplo diz respeito à transmissão da fé no âmbito do lar e à preservação da família na aliança, e não a um resultado uniforme na resposta pessoal de cada filho, como se vê no episódio posterior envolvendo Cam (Gn 9:20-27). O mesmo vale para outros casos bíblicos: a fidelidade dos pais na instrução não anula a responsabilidade individual dos filhos.



referência principal à mãe no relato, a responsabilidade dela pela educação do filho e a descrição dela como viúva em manuscritos ocidentais antigos de Atos 16:1 (Lock, 1911; Hawthorne, 1979).

Pela informação do texto bíblico (At 16:1), Eunice, uma judia, parece ter se casado com um homem gentio. De acordo com Kistemaker (2016, p. 110), provavelmente ele não era convertido nem ao judaísmo nem ao cristianismo — 2 Timóteo 1:5 chama a mãe de crente, mas nada diz do esposo —, o que pode ser entendido como uma forma de “jugo desigual”. Embora o conceito paulino (2Co 6:14) ainda não estivesse formulado, tratava-se de algo claramente reprovado já no Antigo Testamento (cf. Ed 9-10; Ne 13).

A situação de Eunice parece semelhante à que Paulo descreve, de um cônjuge que se converteu e permanece casado com um não crente (1Co 7:12-16). Talvez por isso não haja críticas ao casamento de Eunice, ou porque o foco do texto seja apenas mostrar que Deus agiu naquela família, apesar de quaisquer limitações e tensões do contexto. Timóteo, por exemplo, não havia sido circuncidado quando criança (At 16:3), algo incomum para um menino judeu e que sugere que o pai grego possa ter influenciado essa decisão. Entretanto, nada é dito sobre alguma influência contrária às práticas cristãs, nem mesmo à circuncisão que ocorreu depois (At 16:3), talvez uma indicação de que, de fato, o pai já havia falecido. Se assim for, minimizam-se os problemas provocados por um casamento em jugo desigual no desenvolvimento de Timóteo. Seja como for, para McCoy (2017, p. 32), “Eunice deve ter sido uma personalidade muito forte, pois fez um trabalho tão bom na criação de Timóteo, independentemente da natureza dos relacionamentos familiares”. Ela foi professora e “um modelo para seu filho ao viver a fé cristã diante dele”.

É possível que Timóteo, assim como sua mãe e sua avó, tenha se convertido na primeira visita do apóstolo a Listra, conforme Atos 14:8-18 (Horn, 1979, p. 1122). Entretanto, o texto afirma que a fé delas era anterior à dele, mas também diz que, no retorno de Paulo, o apóstolo encontrou nele “um discípulo” (2Tm 1:5; At 16:1). Essa aparente tensão pode ser resolvida com algumas hipóteses: (1) pelo fato de serem judias, Paulo falava da fé no Deus de Israel em que elas já criam, de modo que a fé delas não começara em Atos 14, mas apenas fora completada — segundo Mounce (2000, p. 471), o problema dessa opção é que a mãe de Timóteo é chamada de “crente” (At 16:1), palavra comumente usada para se referir a cristãos (At 5:14; 1Co 9:5; 1Ts 1:7; 1Tm 5:16; Tt 1:6), e seu casamento com um grego, bem como o fato de não ter circuncidado o filho, mostram



A comunicação da fé em 2 Timóteo 1: uma análise do papel da família e da igreja na transmissão da identidade religiosa

não se tratar de um “lar judeu piedoso”; (2) Paulo falava, sim, em sentido cronológico, ou seja, elas podem ter crido antes de Timóteo na pregação do apóstolo e depois influenciado a decisão dele; (3) Paulo, ao falar da fé que primeiramente habitou na mãe e na avó, não se referia ao sentido cronológico, mas à demonstração plena de seus frutos na vida delas.

A última opção parece corresponder ao entendimento de White, que defende ter Timóteo estado entre os alcançados na primeira viagem, ainda que seja na segunda que sua fé se apresenta madura e seu conhecimento, mais profundo (White, 2021, p. 130). Nesse ponto, a segunda hipótese pode, ao menos parcialmente, unir-se à terceira, no sentido de que, certamente, nesse período de desenvolvimento, Timóteo recebeu a influência de suas mestras familiares. Parece, portanto, que na primeira viagem Timóteo ficou impressionado e até convencido da doutrina, mas foi na segunda que de fato ocorreu a sua entrega. A autora também destaca a importância da transmissão da fé na família e do exemplo em casa, lugar em que Timóteo aprendeu a confiar na Bíblia:

O pai de Timóteo era grego, e sua mãe judia. Desde criança ele conhecia as Escrituras. A piedade que ele presenciara em sua vida doméstica era sã e sensata. [...] A Palavra de Deus era a regra pela qual essas duas piedosas mulheres haviam guiado Timóteo. O poder espiritual das lições que delas recebera conservou-o puro na linguagem, e incontaminado pelas más influências de que se achava rodeado. Assim a instrução recebida através do lar havia cooperado com Deus em prepará-lo para assumir responsabilidades (White, 2021, p. 143).

Assim, as instruções ocorridas no lar o protegeram das influências prejudiciais existentes e o prepararam para futuras responsabilidades. Mesmo a orientação para que fosse tardiamente circuncidado não constituiu impedimento para que ele se entregasse à obra do evangelho (At 16:3).

Na mesma carta, Paulo volta a falar a Timóteo sobre guardar o depósito recebido: “permaneça naquilo que aprendeu e em que acredita firmemente, sabendo de quem você o aprendeu e que, desde a infância, você conhece as sagradas letras, que podem torná-lo sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus” (2Tm 3:14-15). Nesse conhecido texto, Paulo menciona uma informação especialmente relevante para este estudo: o conhecimento das Escrituras fazia parte da vida de Timóteo desde a infância. A explicação de como isso ocorreu está no início da carta: foi por meio de sua mãe e de sua avó, suas primeiras



A comunicação da fé em 2 Timóteo 1: uma análise do papel da família e da igreja na transmissão da identidade religiosa

discipuladoras (2Tm 1:5), porém não as únicas, pois Paulo e a igreja também dariam sua contribuição (2Tm 1:11; 2:2; 3:10).

Nessa relação de Timóteo com sua família e com o seu mentor reside um dos pontos principais do processo de transmissão da fé: a descrição dos agentes e de seus papéis. A confusão ou a transferência dessas responsabilidades compromete o processo de discipulado entre gerações. A igreja é fundamental nesse plano; entretanto, jamais conseguirá suprir o papel delegado aos pais diretamente por Deus. Nesse relato, fica evidente que a consistência espiritual de pais e avós impacta a infância e a formação de um caráter cristão.

Portanto, é essencial que os pais deem prioridade à formação espiritual dos filhos e fortaleçam a relação deles com Deus, podendo assim influenciar suas vidas. Segundo Hemphill e Ross (2005, p. 50-51), eles exercem a influência mais importante na vida religiosa dos filhos e ocupam um papel primário que não pode ser substituído; quanto aos avós, desempenham um papel complementar e secundário, embora muito significativo. Para Switzer (2007, p. 91), ao compartilharem o que viram ao longo dos anos em seu caminhar com o Senhor, o testemunho dos avós sobre a obra de Deus em suas vidas será uma influência poderosa. Enquanto os pais estabelecem o fundamento espiritual diário, os avós reforçam essa herança por meio de seu testemunho vivido e de sua sabedoria acumulada.

Entretanto, é importante ressaltar que, além dos agentes da transmissão (pessoas fiéis encarregadas de ensinar outros), o testemunho paulino também destaca com vigor o conteúdo objetivo que deve ser preservado. A expressão “bom depósito” (2Tm 1:14) aponta para um conjunto definido de verdades recebidas, que não pertencem ao transmissor, mas lhe foram confiadas (1Tm 6:20; 2Tm 1:12, 14). Segundo Lichtenwalter (2011), trata-se, portanto, de uma responsabilidade de custódia: não é propriedade, mas administração sagrada de um conhecimento objetivo da verdade doutrinária revelada, com conteúdo e significado compreensíveis.

Assim, a instrução trata tanto de assegurar a continuidade da mensagem transmitida quanto de garantir a sua fidelidade. Aquilo que Timóteo “ouviu” de Paulo deveria ser cuidadosamente confiado a outros (2Tm 2:2), formando uma cadeia de transmissão que preservasse a substância do evangelho. Esse depósito deveria ser guardado contra distorções (1Tm 6:20), o que reforça a compreensão de que o evangelho



possui um conteúdo doutrinário identificável e normativo. Ainda, conforme Nichol (1980, v. 7, p. 331), Paulo compartilha com Timóteo a confiança de que, embora ele próprio morresse em breve, o evangelho não pereceria (2Tm 1:12), porque Cristo é capaz de guardar o testemunho cristão até que a tarefa seja cumprida.

Nessa perspectiva, a transmissão intergeracional da fé cristã envolve necessariamente a preservação de um corpo doutrinário objetivo, que orienta, corrige e sustenta a vida individual e a vida da igreja. Trata-se de fidelidade ao conteúdo revelado, discernido e aplicado para evitar a perda de sua identidade. Dessa maneira, Paulo demonstra que a continuidade da fé cristã depende não apenas da existência de transmissores capacitados, mas também da integridade do conteúdo transmitido, assegurando que cada geração receba, pratique e ensine o mesmo evangelho, ainda que em meio aos desafios do seu tempo.

ALGUNS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS À TRANSMISSÃO DA FÉ NA FAMÍLIA

Alguns obstáculos para a transmissão da fé no ambiente doméstico podem ser mais bem compreendidos quando se analisam suas origens e o modo como mudanças sociais e culturais afetaram a dinâmica familiar. Ao tratar de algumas revoluções e de seus impactos sobre a família, Timm (2023, p. 609-635) reconhece diversos benefícios trazidos por elas, na medida em que se enquadravam nos padrões bíblicos. Porém, lembra também suas heranças negativas, que “geraram ondas ideológicas e comportamentais que, em grande parte, minaram o fundamento do casamento e da vida familiar na sociedade contemporânea”. Diversos valores morais bíblicos fundamentais foram desmantelados pelo Iluminismo e pela Revolução Francesa, que “servem como pano de fundo para várias outras revoluções culturais que impactaram a vida familiar”. A revolução industrial transferiu o trabalho da família para as fábricas e reduziu o tempo das interações familiares, enquanto a revolução feminista fez com que o casamento passasse a ser visto como estrutura opressiva da qual a mulher deveria libertar-se, uma escravidão cuja carta de alforria seria o divórcio. A revolução marxista popularizou “uma ideologia antirreligiosa e antifamiliar” e, “com sua ênfase no amor livre, a revolução sexual fragmentou muitas famílias já estabelecidas e inibiu a formação de novas famílias convencionais”, sendo secundada, mais recentemente, pela revolução de gênero e seu ataque à família heterossexual. Por fim, a revolução tecnológica, com sua rapidez em



tornar tudo descartável, inclusive os relacionamentos, distanciou as pessoas, ainda que elas estejam conectadas virtualmente.

O Iluminismo redefiniu a felicidade e, segundo Goheen (2019, p. 260-261), “a prosperidade material e a liberdade para buscá-la e desfrutá-la” constituíram-se no objetivo predominante da sociedade ocidental, na qual a concepção de providência divina é substituída pelo entendimento de que o ser humano, capacitado pela razão, é o agente do progresso. Quanto à Revolução Industrial, de acordo com Schneider (1990), ela provocou a “fragmentação do tempo e espaço” familiar ao deslocar os trabalhadores de casa para ambientes em que conviviam com estranhos, diminuindo o foco na vivência compartilhada no trabalho e no lazer “por ambos os sexos e todas as idades”, contexto no qual o divórcio quase não ocorria, e estabelecendo separações entre os grupos. Houve, então, impacto na dedicação aos familiares, a Deus e à igreja, bem como no comprometimento com a comunidade. Parece que “a visão consensual sustentada pelos teóricos sociais é que a revolução industrial foi a principal causa de muitas das mudanças na função e estrutura familiar nos séculos XX e XXI” (Mulvihill, 2013).

Em relação ao marxismo, seu fundador visava abolir não apenas a propriedade privada, mas também a família, que ele via como uma estrutura intrinsecamente ligada ao capitalismo. Segundo Marx, ela perpetuava a desigualdade, transmitindo a riqueza de geração em geração (Bavinck, 2022, p. 215; Bigalke, 2022). Além disso, opunha-se aos princípios cristãos das responsabilidades dos pais e da educação familiar, defendendo que as crianças deveriam ser entregues à “criação” realizada pelo Estado pouco tempo após o nascimento (Bavinck, 2022, p. 215; James, 2021).

O secularismo e a secularização exercem papel importante no impacto sobre a educação religiosa no lar, por meio de múltiplos mecanismos que enfraquecem o significado e a urgência da transmissão da fé às novas gerações. Em um artigo de décadas atrás, Hopkins (1963) já denunciava uma religiosidade superficial na qual os pais concordam teoricamente com princípios religiosos fundamentais, mas falham em oferecer instrução espiritual aos filhos, negligenciando inclusive os compromissos que assumem publicamente. Essa desconexão refletiria uma transformação cultural mais ampla: a religião deteriorou-se para um nível meramente cultural, no qual as cerimônias religiosas são realizadas com significado mínimo para os envolvidos. Essa dinâmica cria um dilema para as famílias: pais criados em uma cultura religiosamente enfraquecida



A comunicação da fé em 2 Timóteo 1: uma análise do papel da família e da igreja na transmissão da identidade religiosa

difícilmente se dedicarão à educação espiritual e, quando o fazem, enfrentam a resistência de filhos moldados por uma cultura cada vez mais secularizada⁴. Portanto, o que se observa atualmente parece ser um problema que se intensificou gradualmente, uma doença antiga que se agravou pela falta de tratamento adequado e para a qual a maioria das igrejas ainda hoje busca a cura.

A tarefa fica ainda mais difícil porque, segundo Glenn (2019), transfere-se ao sistema laico do Estado, com seus próprios valores, a responsabilidade de educar, o que deveria ocorrer primeiramente na relação familiar. Além disso, a configuração secularista parece colaborar para uma intolerância a valores religiosos absolutos, de modo que não apenas o papel da família é desconstruído, como ela passa também a ser desconstruída ontologicamente (Clowney, 2003, p. 142-143). Dito de outra forma, a família é questionada não só pelo que faz ou pelos valores cristãos que sustenta, mas inclusive por sua essência, por aquilo que ela é na visão bíblica: o espaço educacional primário e originário, uma construção divina anterior à igreja e ao Estado, a base sobre a qual ambos devem ser edificados.

A IGREJA COMO AUXILIADORA NA TRANSMISSÃO E FORMAÇÃO DA FÉ

Embora sua educação inicial tivesse ocorrido no contexto doméstico, conforme Liefeld (1999, p. 80-81, 229-230), a igreja desempenhou seu papel na formação espiritual de Timóteo — “os irmãos em Listra e Icônio davam bom testemunho dele” —, e ele passou a ser auxiliar direto do apóstolo Paulo (At 16:2-5). Um momento importante do envolvimento da igreja em sua formação ocorreu por meio de um ato corporativo de reconhecimento dele como alguém digno de confiança e de responsabilidade.

Timóteo recebeu a imposição de mãos pelos presbíteros da igreja (1Tm 4:14) — além do próprio Paulo (2Tm 1:6) — na confirmação de seu chamado divino. Sua formação exemplifica como a comunidade eclesial colabora para o desenvolvimento ministerial, oferecendo confirmação, instrução corporativa e autoridade delegada. Portanto, a igreja não apenas colaborou com o esforço familiar antes de sua ordenação, como também proporcionou muito desenvolvimento ao discípulo Timóteo por meio das diversas atividades por ele realizadas.

⁴ Para mais reflexões sobre o tema, veja o artigo *Secularismo, secularização e seu impacto na transmissão da fé entre gerações: perspectivas para o adventismo* (Costa, 2024).



A comunicação da fé em 2 Timóteo 1: uma análise do papel da família e da igreja na transmissão da identidade religiosa

Para demonstrar isso mais claramente, observa-se a atuação de Paulo, líder da igreja, como mentor espiritual de Timóteo. Com relação à importância do apóstolo nesse discipulado, White (2021, p. 131) afirma que “o grande apóstolo treinava o discípulo mais jovem interrogando-o sobre a história bíblica; e, enquanto viajavam de um lugar para outro, ensinava-lhe cuidadosamente a maneira de trabalhar de forma eficaz”, além de impressioná-lo quanto à sacralidade do ministério. Da parte de Timóteo, havia a busca constante de instrução e aconselhamento junto ao mentor, de modo a não agir por impulso, mas com reflexão e de acordo com a vontade de Deus. Tratava-se de um processo de união entre teoria e prática:

Quando as lições da Bíblia são aplicadas na vida diária, exercem elas profunda e duradoura influência sobre o caráter. Timóteo aprendeu e praticou essas lições. [...] Seu conhecimento da piedade prática distinguia-o dos outros crentes, e dava-lhe influência (White, 2021, p. 144).

Aprender e praticar os ensinamentos sagrados foram, inclusive, uma instrução direta de Paulo, que disse a Timóteo: “Mantenha o padrão das santas palavras que de mim você ouviu” (2Tm 1:13; cf. 1Tm 6:3).

O discipulado de Paulo demonstra ainda outras características. Ele havia escrito na primeira carta: “Não negligencie o dom que está em você” (1Tm 4:14). Na segunda, diz: “Venho lembrar-lhe que reavive o dom de Deus que está em você” (2Tm 1:6). Parece haver uma preocupação constante do mentor com seu discípulo. Segundo Hendriksen (2011, p. 282-283), Timóteo enfrentava problemas físicos (1Tm 5:23), opositores em Éfeso (1Tm 1:3-7; 2Tm 2:14-18, 23) e a perseguição do império (1Tm 4:6): “a chama não havia se extinguido, mas estava bem baixa, e era preciso ativá-la para que fosse uma chama viva”. Mais uma vez fica evidente a importância do mentoreamento do apóstolo, orientando e motivando seu mentoreado.

De acordo com Platt, Akin e Merida (2013, p. 140-141), o fundamento da mentoria de Paulo com Timóteo são o amor e a oração (2Tm 1:2-3), e o apóstolo ajudou seu aprendiz em três dimensões integradas (2Tm 1:6; 2:15-16, 23-26; 3:5, 16-4:2, 5): (1) quanto ao chamado, encorajando-o a usar seus dons; (2) quanto ao caráter, exortando-o a perseguir qualidades cristãs; e (3) quanto à competência ministerial, instruindo-o sobre o trato com as pessoas, o estudo da Palavra e outros aspectos.



A comunicação da fé em 2 Timóteo 1: uma análise do papel da família e da igreja na transmissão da identidade religiosa

A igreja atua como família estendida para aqueles que não têm suporte espiritual em casa, criando vínculos de pertencimento. Deus conhecia os desafios contemporâneos das famílias e “projetou a igreja para complementar o papel da família”, funcionando “como a família de Deus”. Como irmãos e irmãs, deve haver apoio e cuidado mútuos. Embora os pais sejam os principais responsáveis, Deus não planejou que criassem seus filhos sem nenhuma ajuda externa (Hamel, 2023, p. 553).

Jesus une seus seguidores em “uma família que transcende os laços de parentesco”, criando “relacionamentos familiares especiais dentro da comunidade de Deus que atravessam fronteiras de sangue e casamento”. A igreja deve buscar e ajudar os solitários a construírem novos vínculos familiares na comunidade da fé, usando “a família para ministrar e incluir outros que estão sem família” (Garland, 1996, p. 147).

ALGUNS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS À TRANSMISSÃO DA FÉ NA IGREJA

O comprometimento do processo de transmissão da fé desencadeia sérias consequências, como perda de identidade, ruptura intergeracional e evasão das novas gerações. Os desafios da retenção de novas gerações na igreja contemporânea parecem revelar uma crise que transcende questões demográficas e sociais. De acordo com Kim (2016, p. 160), as igrejas que tentaram atrair jovens por meio de estilos de adoração focados em entretenimento descobriram que não conseguiam reter sua atenção.

Para Taylor (2006, p. 74), há o problema da fragmentação geracional, que consiste em tratar adolescentes e jovens como uma espécie separada, o que dificulta que se sintam conectados à comunidade maior. Trata-se de uma quebra da unidade comunitária, em que a igreja deixa de funcionar como um corpo intergeracional e passa a existir em “bolhas etárias”. Em uma consulta com líderes da área, Taylor registrou ainda ser necessário que as igrejas combinem a criação de comunidade genuína com ensino teológico e oportunidades de serviço, “em vez de seguir modismos ou imitar tendências”, e que também é preciso “ensinar sobre as tradições”, porque “quanto mais teologia você adquire e quanto mais você entende sobre sua tradição, maior a chance de ter uma linguagem de fé sustentável que você pode transmitir”.

Outra questão é que, diante de possíveis conflitos de gerações, a solução por conveniência de separar os grupos pode ter boa intenção, mas “é uma receita perfeita para o isolamento geracional”, até porque “surge de uma perspectiva individualista que



ênfatiza as necessidades pessoais, em vez das necessidades comunitárias” (Allen; Ross, 2013, p. 11). Em cada culto é possível ver quatro gerações com preferências distintas, lembra Heer (2010, p. 63); e, em vez de algo que atenda a todas elas, “alguns estabeleceram congregações (ou cultos) separados”. Ocorre que, defende o autor, uma igreja saudável deve ser multigeracional, pois “cada grupo etário tem algo a oferecer ao outro”, e seria “arrogância de qualquer geração se comportar como se não precisasse dos mais velhos ou dos mais jovens”. Seja ela qual for, a igreja não deve “sacrificar qualquer geração de membros em um esforço para atrair outra geração” ou atender às suas preferências. Para Hendricks (2000, p. 392), perdeu-se o elemento essencial da mentoria, algo que os mais velhos estão mais bem preparados para fazer, um terreno em que “todas as idades podem se encontrar”. A igreja deve conectá-las, em vez de desconectá-las.

No texto de 2 Timóteo 1, parece que se encontra a combinação adequada proposta acima: comunidade genuína, ensino teológico e oportunidades de serviço. Paulo (e a igreja, At 16:2) proporcionavam a Timóteo essas coisas: (1) uma comunidade com amor, apoio, motivação e exortação; (2) instrução teológica e orientação prática; e (3) oportunidades de envolvimento na missão.

INTEGRAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E IGREJA NA TRANSMISSÃO E FORMAÇÃO DA FÉ

Integrar família e igreja no discipulado das novas gerações exige um reposicionamento estratégico que reconheça a família como o contexto fundamental da formação espiritual, enquanto a igreja funciona como parceira que capacita e sustenta esse processo ao longo da vida. Segundo Nelson e Jones (2011, p. 39-40), que discutem a abordagem de DeVries⁵ para o ministério jovem baseado na família, a força formativa reside na família e na igreja, e não em programas isolados, contrariamente a “uma perspectiva segmentada e programática que permanece prevalente em muitas igrejas”. Esse entendimento reorienta a abordagem: “primeiro, as igrejas devem capacitar os pais a participar do discipulado de seus filhos”; e, segundo, “equipar a família estendida da igreja para que as gerações construam relacionamentos umas com as outras”.

Para DeVries, “somente a igreja e a família podem proporcionar nutrição cristã do nascimento à velhice”, enquanto os demais grupos em que os indivíduos “estão envolvidos

⁵ Autor de *Family-based youth ministry* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2004), obra citada neste artigo por meio de Nelson e Jones (2011) e de Case (2011).



são essencialmente estruturas de orfandade”. Segundo o autor, elas “fornecem apoio e conexão para as pessoas apenas enquanto elas se encaixam na faixa etária daquela organização em particular. Muitas estruturas de orfandade fornecem aos adolescentes um alto grau de apoio e envolvimento”. Todavia, ao fim, “sem uma conexão com estruturas de nutrição vitalícias como a família e uma família estendida [igreja], a vida de um jovem pode facilmente se tornar uma busca fragmentada e sem raízes por identidade” (DeVries, 2004 apud Case, 2011, p. 83-84).

Qualquer outra estrutura deveria trabalhar buscando fazer essa conexão com a família e com a igreja como um todo, impedindo, dessa forma, que a pessoa fique espiritualmente órfã e, conseqüentemente, se afaste. No caso da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), sua principal estrutura nesse sentido é a Escola Sabatina, que tem como uma de suas características centrais justamente aquela que a aproxima da família: atender a todas as faixas etárias. Família e Escola Sabatina funcionam, assim, como instâncias complementares de nutrição espiritual — uma interna ao lar, outra externa a ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto de 2 Timóteo 1 oferece uma grande contribuição para a compreensão do processo de transmissão da fé e da sobrevivência espiritual das novas gerações. A transmissão da fé não é um evento isolado, mas um processo contínuo que une o lar e o altar, a família e a igreja. É preciso que ambas trabalhem em sinergia, ocupando cada uma o seu papel devido. A igreja não substitui a família, mas funciona como complemento essencial no processo de transmissão da fé entre gerações. Essas duas instituições precisam de uma relação de interdependência e do cumprimento de suas respectivas responsabilidades para realizar plenamente seu propósito espiritual.

A análise do texto evidencia ainda que a transmissão da fé cristã não ocorre de maneira espontânea ou meramente institucional, mas por meio de relações intencionais e contínuas. O texto paulino demonstra que a fé que habitou em Loide e Eunice alcançou Timóteo mediante um processo de convivência, testemunho e ensino objetivo, revelando a família como o primeiro espaço de formação da identidade religiosa. Ao mesmo tempo, a atuação de Paulo como mentor espiritual mostra que a igreja possui papel



A comunicação da fé em 2 Timóteo 1: uma análise do papel da família e da igreja na transmissão da identidade religiosa

complementar e indispensável nesse processo, orientando, fortalecendo e preservando a fidelidade doutrinária das novas gerações.

Em um contexto contemporâneo marcado por secularização, individualismo e fragmentação das relações familiares, os desafios à continuidade da fé tornam-se ainda mais complexos. Nesse cenário, a integração entre família e igreja surge como elemento essencial para a formação espiritual das novas gerações e para a existência de uma identidade cristã sólida.

O estudo demonstrou também que a transmissão da fé envolve não apenas o ensino cognitivo intencional das verdades doutrinárias reveladas, mas igualmente o exemplo de vida e a perseverança diante do sofrimento, enfatizando ainda o compromisso com a preservação do “bom depósito” do evangelho e a consequente garantia da integridade de seu conteúdo.

Se isso não ocorrer, o risco é que a fé transmitida seja completamente diferente daquela recebida, cabendo lembrar, nesse caso, as reiteradas palavras de advertência de Paulo:

ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu pregue a vocês um evangelho diferente daquele que temos pregado, que esse seja anátema. Como já dissemos, e agora repito, se alguém está pregando a vocês um evangelho diferente daquele que já receberam, que esse seja anátema (Gl 1:8-9).

REFERÊNCIAS

- ALLEN, H. C.; ROSS, C. L. Why churches tend to separate the generations. **Journal of Discipleship and Family Ministry: intergenerational faithfulness**, v. 3, n. 2, p. 8-14, 2013. Disponível em: <https://cf.sbts.edu/sbts/uploads/sites/17/2013/09/JDFM-3.2-Spring-2013-vFinal-2.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2026.
- BAVINCK, H. **A família cristã**. Natal, RN: Nadere Reformatie, 2022.
- BIGALKE, R. J. What to think of Marxism. **Journal of Dispensational Theology**, v. 26, n. 73, p. 180-181, 2022.
- CASE, S. (ed.). **Recalibrate: models of successful youth & young adult ministry**. Lincoln, NE: AdventSource, 2011.
- CHAMPLIN, R. N. **O Novo Testamento interpretado: versículo por versículo**. Ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 5.
- CLOWNEY, E. P. **A igreja**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.



COSTA, D. L. Secularismo, secularização e seu impacto na transmissão da fé entre gerações: perspectivas para o adventismo. **Kerygma**, v. 19, n. 1, p. 1-21, 2024. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/1615>. Acesso em: 15 jun. 2026.

DEDEREN, R. (ed.). **Handbook of Seventh-day Adventist theology**. Hagerstown, MD: Review and Herald, 2001. (Commentary Reference Series, v. 12).

FORTIN, D. 2 Timothy. In: RODRÍGUEZ, Á. M. (ed.). **Andrews Bible Commentary**: New Testament. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2022. p. 1799.

GARLAND, D. E. **Mark**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1996. (The NIV Application Commentary).

GILLMAN, F. M. Eunice (person). In: FREEDMAN, D. N. (ed.). **The Anchor Bible Dictionary**. New York: Doubleday, 1992a. v. 2, p. 670.

GILLMAN, F. M. Lois (person). In: FREEDMAN, D. N. (ed.). **The Anchor Bible Dictionary**. New York: Doubleday, 1992b. v. 4, p. 356.

GILLMAN, J. Timothy (person). In: FREEDMAN, D. N. (ed.). **The Anchor Bible Dictionary**. New York: Doubleday, 1992. v. 6, p. 558.

GLENN, C. L. Volume introduction: Kuyper and free schools, then and now. In: NAYLOR, W. *et al.* (eds.). **On education**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2019. p. LIX. (Abraham Kuyper Collected Works in Public Theology).

GOHEEN, M. W. **A missão da igreja hoje**: a Bíblia, a história e as questões contemporâneas. Viçosa, MG: Ultimato, 2019.

GUTHRIE, D. **Pastoral Epistles**: an introduction and commentary. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1990. (Tyndale New Testament Commentaries, v. 14).

HAMEL, A. Parenting in Scripture. In: DE SOUZA, E. B.; MUELLER, E. (eds.). **Family**: with contemporary issues on marriage and parenting. Silver Spring, MD: Review and Herald, 2023. p. 553. (Biblical Research Institute Studies in Biblical Ethics, v. 3).

HAWTHORNE, G. F. Timothy. In: BROMILEY, G. W. (ed.). **The International Standard Bible Encyclopedia**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1979-1988. v. 4, p. 857.

HEER, K. **Ancient fire**: the power of Christian rituals in contemporary worship. Indianapolis, IN: Wesleyan Publishing House, 2010.

HEMPHILL, K.; ROSS, R. **Parenting with kingdom purpose**. Nashville, TN: Broadman & Holman, 2005.

HENDRICKS, H. G. Reaping the rewards of senior ministry. **Bibliotheca Sacra**, v. 157, p. 392, 2000. Disponível em: <https://www.galaxie.com/article/bsac157-628-01>. Acesso



em: 7 jul. 2026.

HENDRIKSEN, W. **1 e 2 Timóteo e Tito**. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

HOLFORD, K. How parents can live and model a contagious spiritual life. *In*: SOUZA, E. B.; MUELLER, E. (eds.). **Family**: with contemporary issues on marriage and parenting. Silver Spring, MD: Review and Herald, 2023. p. 564. (Biblical Research Institute Studies in Biblical Ethics, v. 3).

HOPKINS, J. M. The fourth “R”. **Christianity Today**, v. 7, n. 23, p. 1112, 1963. Disponível em: <https://www.christianitytoday.com/1987/09/fourth-r-2>. Acesso em: 7 jul. 2026.

HORN, S. H. **The Seventh-day Adventist Bible dictionary**. Washington, DC: Review and Herald, 1979.

JAMES, S. Mugged by reality. **Eikon: a journal for biblical anthropology**, v. 3, n. 1, p. 59, 2021.

KIM, S. I. Worship in a postmodern context. *In*: RODRÍGUEZ, Á. M. (ed.). **Worship, ministry, and the authority of the church**. Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 2016. p. 160. (Biblical Research Institute Studies in Adventist Ecclesiology, v. 3).

KISTEMAKER, S. J. **Atos**. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2016. v. 2.

KOSTENBERGER, A. J. Hermeneutical and exegetical challenges in interpreting the Pastoral Epistles. **The Southern Baptist Journal of Theology**, v. 7, n. 3, p. 3, 2003.

KOSTENBERGER, A. J. Hermeneutical and exegetical challenges in interpreting the Pastoral Epistles. *In*: KOSTENBERGER, A. J.; WILDER, T. L. (eds.). **Entrusted with the gospel**: Paul’s theology in the Pastoral Epistles. Nashville, TN: B&H Academic, 2010. p. 14-15.

KVIDAHL, C. Timóteo. *In*: BARRY, J. D. (ed.). **Dicionário bíblico Lexham**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2020.

LICHTENWALTER, L. L. Why theology matters. **Perspective Digest**, v. 16, n. 2, p. 1-30, 2011.

LIEFELD, W. L. **1 and 2 Timothy, Titus**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1999. (The NIV Application Commentary).

LOCK, W. Timothy. *In*: HASTINGS, J. *et al.* (eds.). **A dictionary of the Bible**: dealing with its language, literature, and contents, including the biblical theology. New York: Charles Scribner’s Sons, 1911-1912. v. 4, p. 767.

MCCOY, G. W. A Jewish mother in a gentile home. *In*: **Biblical Illustrator Treasury**: 1 and 2 Timothy and Titus. Nashville, TN: LifeWay Christian Resources, 2017. p. 32.



MERKH, D. **Comentário bíblico lar, família & casamento**: fundamentos, desafios e estudo bíblico-teológico prático para líderes, conselheiros e casais. São Paulo: Hagnos, 2019.

MERKH, D. J. **Homens mais parecidos com Jesus**: estudos bíblicos sobre o caráter e a conduta de homens que seguem o único Homem Nota 10. São Paulo: Hagnos, 2021.

MOUNCE, W. D. **Pastoral Epistles**. Nashville, TN: Thomas Nelson, 2000. (Word Biblical Commentary, v. 46).

MULVIHILL, J. A new way of life for the old. **Journal of Discipleship and Family Ministry: intergenerational faithfulness**, v. 3, n. 2, p. 27, 2013.

NELSON, B.; JONES, T. P. The problem and the promise of family ministry. **Journal of Family Ministry**, v. 1, n. 1, p. 39-40, 2011.

NICHOL, F. D. (ed.). **The Seventh-day Adventist Bible commentary**. Washington, DC: Review and Herald, 1980. v. 6, p. 331.

PADILLA, O. **The Pastoral Epistles**: an introduction and commentary. London: InterVarsity Press, 2022. (Tyndale New Testament Commentaries, v. 14).

PLATT, D.; AKIN, D. L.; MERIDA, T. **Exalting Jesus in 1 & 2 Timothy and Titus**. Nashville, TN: Holman Reference, 2013. (Christ-Centered Exposition Commentary).

SCHNEIDER, L. Family. In: REID, D. G. (ed.). **Dictionary of Christianity in America**. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1990.

SOARES, C. C. **Atos de Paulo e Tecla**: a narrativa romanesca e o discurso sobre a imagem do apóstolo. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

SWITZER, D. L. **Train up a child**: successful parenting for the next generation. Clarksville, MD: Messianic Jewish Publishers, 2007.

TAYLOR, L. Youth: church reconnect. **Christianity Today**, v. 50, n. 10, p. 74, 2006. Disponível em: <https://www.christianitytoday.com/2006/10/whats-next-youth>. Acesso em: 9 jul. 2026.

TIMM, A. R. The impact of great revolutions on marriage and family. In: SOUZA, E. B.; MUELLER, E. (eds.). **Family**: with contemporary issues on marriage and parenting. Silver Spring, MD: Review and Herald, 2023. p. 609-635. (Biblical Research Institute Studies in Biblical Ethics, v. 3).

WHITE, E. G. **Atos dos apóstolos**. [S. l.]: Ellen G. White Estate, 2021. *E-book*.

WILCKENS, U. *hypokrínomai, synypokrínomai, hypókrisis, hypokrités, anypókritos*. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G.; BROMILEY, G. W. (eds.). **Dicionário teológico do Novo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. v. 2, p. 635.